

Yashodhan Abya Yala

Yalase da Nação Muzunguê. Sangoma da Casa da 7º Ordem. Omo Orisá. Pós-Doutora em Políticas Sociais pela Universidade de Coimbra/CES. Doutora em Serviço Social/PUC-RS. Guiaça Inspiradora da Comunidade Kilombola Morada da Paz – Território de Mãe Preta CoMPaz. Triunfo, RS, Brasil.
Contato: moradadapaz@gmail.com

Resumo: São quatorze passos até o peji de Şorokè desde a porteira. Inclina-se os joelhos e curva-se até bem próximo do chão e numa sequência de três movimentos se oferece nove palmas. O paô abre o cosmos. Para adentrar o campo da encruzilhada, morada de Eşú, é necessário respeitar o rumbé. A partir daí intersomos com as Divindades que exercem papel preponderante como referenciais a serem consultados; seguidos; observados. Intersomos nos constituindo como pessoas no mundo. No espaço do sentirpensar. Interser e sentirpensar são elementos constitutivos da episteme do terreiro. No terreiro a ciência, hierárquica, é circular. Composta por múltiplos elementos. Para cada campo do saber é necessário percorrer diferentes caminhos metodológicos. Cada sequência do paô segue um percurso que formam as encruzilhadas e todas elas obedecem a uma diretriz – o que é oferecido e recebido deve ser distribuído. A encruza é intersecção.

Palavras-chave: Espiritualidade afrobudígena. Comunidade kilombola. Epistemologia da encruza.

Abstract: There are fourteen steps to the Şorokè peji from the gate. The knees are bent and bent until very close to the floor and in a sequence of three movements, nine palms are offered. The paô opens the cosmos. To enter the field of the crossroads, Eşú's address, it is necessary to respect the rumbé. From then on, we interact with the Deities that play a preponderant role as references to be consulted; in a row; observed. We are together, constituting us as people in the world. In the space of feeling, thinking. Interser and Sentirpensar are constitutive elements of the terreiro's episteme. In the terreiro, science, hierarchical, is circular. Composed of multiple elements. For each field of knowledge, it is necessary to go through different methodological paths. Each sequence in the paô follows a path that forms the crossroads and they all obey a guideline - what is offered and received must be distributed. The crossroad is an intersection.

Keywords: Afrobudígena spirituality. Kilombola community. Epistemology of the crossroads.

Introdução

Quem bate paô na esquina na vida não anda só¹

São quatorze passos até o peji de Şorokè desde a porteira. Inclina-se os joelhos e curva-se até bem próximo do chão e numa sequência de três movimentos se oferece nove palmas. O paô abre o cosmos. Para adentrar o campo da encruzilhada, morada de Eşú é necessário respeitar o rumbé. A partir daí intersomos com as Divindades que exercem papel preponderante como referenciais a serem consultados; seguidos; observados. Intersomos nos constituindo como pessoas no mundo. No espaço do sentirpensar. Interser e Sentirpensar são elementos constitutivos da episteme do terreiro.

No terreiro a ciência, hierárquica, é circular. Composta por múltiplos elementos. Para cada campo do saber é necessário percorrer diferentes caminhos metodológicos. Cada sequência do paô segue um percurso que formam as encruzilhadas e todas elas obedecem a uma diretriz - o que é oferecido e recebido deve ser distribuído. A encruza é intersecção.

Lugar de potência que representa ambivalência e incerteza, como todo o conhecimento que sobreviveu a maafa, na diáspora africana este lugar estabelece elos de intersecção com o Tudo, composto de: pessoa, cultura, espiritualidade, comunidade e o Nada, plasmado por uma cultura sintética² que nos fez acreditar que o nada é um lugar de exclusão, escravidão, sobreposição, eliminação, desqualificação. Mas Eşú ensina que não.

Na encruza conhecimento não é propriedade, há quem guarda – Eşú, entretanto, não se apropria. Que abre caminho, que desliza em silêncio; detentor da força motriz que alimenta a vida no universo. É Eşú, o Guardiã dos acessos: a quem se deve temer, respeitar. Como mensageiro entremundos, é o zelador do conhecimento.

Para cada sequência de três paô são acionados campos da episteme do

¹ Fragmento da música “Bravum de Elegbara”, interpretada por Fabiana Cozza. Composição de Luiz A. Simas e Moyseis Marques.

² Antônio Bispo é quem apresenta este conceito. Ver mais em: SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. 2. ed. Brasília: Ayô, 2019.

conhecimento presente no terreiro. Agôyè Mójùbá, com as bênçãos de Eṣú apresentarei alguns deles. Laroyé Eṣú.

Eṣú Enugbarijo – O Senhor da Boca Coletiva

um nó dado na corda não tira a sua força³

Campo da partilha que reconstrói o sentido da soberania alimentar – nutricional – existencial. Porque comer é um ato político, revolucionário e sagrado para nós. O alimento é aṣé e um sistema integrado que intersecciona com o sagrado – o ebó, a comida para o oriṣá que preparado pela yabasse é permeado de requintadas estruturas metodológicas para atender um panteão de Divindades, cada uma com sua singularidade.

Intersecciona com o ato revolucionário da partilha, no Kilombo CoMPaz ebós e alimentos são ovolactovegetariano e aquilo que a boca come é produzido em sua maioria dentro da comunidade. E isso ensina a sentirpensar a alimentação como um processo complexo que envolve o ambiente – cuidar a terra, a muda, o tempo, a lua, a água – envolve as pessoas que plantam, é uma cultura alimentar que passa pelo afeto e ensina a origem do alimento que chega na mesa, no peji, para a partilha.

Há um provérbio africano da língua xhosa que diz que a *terra nos acolhe*. E Eṣú ensina que aquilo que a boca come salva o universo. E provoca reflexões sobre a existência e sobre ter consciência de quem se é por aquilo que a boca come. Faz com que se realize observações sobre do quanto somos aniquilados e subjugados quando é apagado a memória alimentar ancestral pela imposição de modos alimentares da indústria do *fast food*, que nos afastam da terra, do acesso à compreensão da origem do alimento e de seu sistema complexo. Portanto, Eṣú Enugbarijo, o Senhor da Boca Coletiva, provoca que se reflita no terreiro que a emancipação e liberdade passam pela boca. Laroyé Eṣú.

Eṣú Akessan – O Senhor do Mercado, das Trocas

*No tempo sem tempo que tempo tem
Acerta a pedra que não lançou*

³ Oyekun Meyi. LOPES, Nei. *Ifá Lucumí: o resgate da tradição*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

*A pedra do tempo vai e vem
Num pássaro que já voou⁴*

Para os desavisados, Eşù é a Divindade do contraditório. Mas não. Eşú é a Divindade da multiplicidade e da multidiversidade. Eşú é Senhor de múltiplas histórias. Leia-se multidiversidade porque com Eşú se aprende a desconfiar da história única, aprende-se que a dúvida contém riquezas e potências infinitas. Que certo e errado são construções deontológicas e outras conjunturais. Por isso, a encruzilhada, os mercados e as feiras. Lugares da diversidade de várias intersecções que acolhem o múltiplo e uno como complementares e não opostos. Onde há lugar para o Tudo e para o Nada. Onde nada está garantido, tudo ESTÁ num porvir. Para nós da Nação Muzunguê, Mãe Preta ensina que o presente guarda o passado e protege o futuro e que lembrar-esperançar-esperar-realizar fazem parte das Trocas vividas neste exercício que se desenrola entre nascer e morrer. E aí é que reina o Senhor do Mercado, das Trocas, Eşú Akessan.

Eşú Oba – O Senhor Ancestral

*Nem todo andante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.
Recordar é preciso
O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso⁵*

Conta o itan que a memória é lugar de resiliência... e foi este saber estratégico que possibilitou aos filhos e filhas de Eşú sobreviverem ao descarrilamento sociocultural histórico que sofreram os povos retirados de forma hedionda do continente africano – a maafa.

Na gira do Terreiro da Nação Muzunguê as Divindades são nossas referências civilizatórias, quando iná adentra o igbá e acesa a chama da memória e se manifesta nosso Pai Senhor Seu 7 que cura marcas-lembranças de um chicote traiçoeiro, que por vezes teima em açoitar no presente. Eşú Oba, o Senhor Ancestral,

⁴ Fragmento da música “Baticum da Bará”, de Luiz Antonio Simas.

⁵ Poema de Conceição Evaristo, do livro Poemas da recordação e outros movimentos (2008).

reconstrói as múltiplas capacidades de reexistir, reinventar, reconstruir e avançar.

Ifá nos revela que Todo amanhã um dia se torna ontem e quando a força falta no braço é na inteligência que nos agarramos. Eşú Oba, o Senhor Ancestral é nosso Pai Senhor Seu 7 dos caminhos do centro vermelho da Terra, nosso Pai Ancestral.

Eşú Lonã – O Senhor dos Caminhos

*Você quer matar a rua
Mas a rua te mata, seu canalha
Com a fundanga de seu Tranca
E a mandinga de Maria Navalha⁶*

Zelador da complexidade, Guardião da transição orun ayié. Andarilho das ruas dos sete cantos do mundo, levanta, derruba e não permite ao mal adentrar. Em tempos desafiadores Exú Lonã, o Senhor dos Caminhos, tem tido muito trabalho. Adentramos um século em que tudo que era "sólido se esvaneceu", valores, costumes, a vida. Não houve teoria capaz de dar conta.

Mesmo diante de uma pandemia que demarca o século XXI e provoca o mundo hominal a rever seus valores de ser e estar habitando o planeta, nós entendemos que o vírus que provoca COVID-19, letal para a raça humana é um recado do planeta para que se cesse o modo de vida do jeito que a maioria dos habitantes do reino hominal opera. Um recado do planeta para este reino – dos seres humanos – e não para os demais reinos – mineral, vegetal e animal.

Qual vírus mata mais? O isolamento social provocou melhor organização na dinâmica da vida e melhora dos outros reinos na natureza sem a interferência dos humanos.

Qual vírus discrimina mais? Desde os tempos antes dos ancestrais se questionava sobre o sentido da existência. Mas de que vale a busca por este conhecimento se o reino hominal impondo seu modo de viver mata a água, o ar, a terra, seus irmãos?

Eşú Lonã, o Senhor dos Caminhos, é o princípio e o fim de tudo, nada ocorre sem sua bênção e/ou autorização, nos ensina que tudo que há embaixo – acima – ao

⁶ Fragmento da música "Mcumbeira". Composição de Luiz Antonio Simas. Interpretado por Jéssica Ellen.

lado – dentro – fora vive sem Eṣú. É Eṣú a força motriz, a presença vital. Todo o ser senciente existente no cosmos tem junto de si um Eṣú.

Aluvaiá

*O mundo é uma terra estranha; o céu, mesmo, é a nossa casa*⁷

Para o povo Bantu Aluvaiá e Eṣú para os yorubás. Divindade da comunicação, guardião da comunidade. Assim como todos os demais Aluvaiá guarda, não se apropria dos conhecimentos. Transita por sistemas complexos – o viver e o morrer – e é o primeiro que aproxima uno e múltiplos. Aluvaiá é senhor das encruzilhadas e comunicador do cosmos.

Epistemologia da encruza dos pés descalços

*Aquele que matou um pássaro ontem com a pedra que só hoje atirou*⁸

Nos orientamos por nossas experiências pessoais, nossos sonhos, intuições e da consulta a nossas Divindades. Esú, Ifá, Orumilá são algumas das Divindades guardiãs das estruturas que auxiliam a erigir nossa cosmopercepção e ensinam que os pés descalços no chão nos conectam com a magia – ciência de nkisi e orisás – do que fomos, nossos ancestrais, pois se você não sabe para onde ir, olhe para trás. Lembrar-se de onde veio é resistir.

Divindades que estruturam nosso autorreconhecimento como kilombolas – pessoas no mundo. Singulares e diversas, ciência do orisá professor, pés descalços no chão que conectam com a autodeterminação da força do que somos agora – e somos Esperançar. Sobreviventes, mais do que remanescentes/sobrantes.

Fazer do Esperar o recuo, por vezes necessário, para ganhar impulso e se lançar no tempo de realizar, dos elementos que aqui estão sendo partilhados e compõem as intersecções que unem nossas encruzilhadas e que nos preparam para guerrear, viver, continuar e avançar.

Epistemologia dos pés descalços é um exercício que convida para a partilha

⁷ OTURÁ MEYI. LOPES, 2020.

⁸ Itã de Eṣú.

na contramão do que se está acostumado, é um convite para desformar. Por essa pele de papel o exercício da epistemologia do Terreiro, daquela vivida na imanência mais do que da transcendência; do intuitivo mais do que do analítico; do endógeno mais do que do exógeno; do subjetivo mais do que do objetivo é movimento de Aluvaiá. Dito de outro modo, é propulsionar, envolver, mobilizar, crescer, transformar e comunicar.

*abre o caminho que o sentinela está na porta
abre o caminho pro mensageiro passar
(Padê – Kiko Dinucci)*

Lembrar, esperar, esperar

*Vivendo, se aprende;
mas o que se aprende mais é só fazer outras maiores perguntas
(Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, 2016)*

Conta minha Mãe Preta que o Tempo, uma Divindade, pariu três filhas: a Lembrança, a Esperança, a Espera. Filhas de Tempo, são companheiras que ao longo da história trouxeram alento para tantas formas de exclusão e eliminação do qual nosso povo afro-brasileiro e indígena passa.

Quando apresentamos nossas palavras marcando a pele de papel, não nos vem outra coisa a dizer, ou melhor, a escrever, que seja diferente do nosso jeito de ser e viver.

Em outro momento fui abordada sobre o que significa para nós Kilombolas de Mãe Preta autodeterminação; bem, confesso que é uma palavra que me diz tudo e nada. Autodeterminação me diz tudo, quando surge como um conceito que se refere ao direito de poder existir como se é: através da cultura, da espiritualidade, da história, da maneira de se relacionar com o que nos cerca e que serve para que instituições como as de Direitos Humanos tenham ferramentas para lutar junto com kilombolas e indígenas, para que continuem existindo. Mas também não me diz nada. Uma vez que nada representamos diante desse estado de coisas que nos torna como subnumeráveis e que nos classifica como grupo passível de ser exterminado, dominado, segregado, discriminado, dentre outras coisas, por armadilhas da inclusão pela exclusão.

Como então responder a questão sobre o que é autodeterminação?! Essa questão é um dilema. Não para mim. Mas para quem me interpelou com a palavra, porque a natureza da gente, do que somos, não cabe em nenhuma certeza, como afirmou o Riobaldo, do livro de Guimarães Rosa. Nos orientamos pelos sonhos. A espiritualidade é cotidiana. A cultura é muito mais que subjetivos. É identidade. Nos organizamos em nossas contendas, em nosso nascer-viver-morrer pelas orientações trazidas por yagba ancestral Mãe Preta. Isso é o que somos. Não certezas. Não tememos o vazio. Não tememos a indeterminação. É o que temos e é como somos.

Somos a Nação Muzunguê

Dá-me um exemplo, mais do que mil palavras
(Provérbio africano inscrito na entrada da Casa Verde
no Kilombo de Mãe Preta.)

O sentido de Nação está ligado ao sentido de irmandade de comunhão. Comunhão étnico-cultural entre pessoas que partilham da mesma cosmopercepção de mundo, de estar e ser com sua autodeterminação. Como a reconstituição de laços de afeto mediatizados pelas Divindades que são a expressão da espiritualidade – a força do asê que nos une.

Quando nos autoidentificamos como Nação Muzunguê estamos assumindo todo um *ethos* de costumes, hábitos e cultura que, ao mesmo tempo, nos identifica e também nos protege. Enquanto conjunto de pessoas que resilientemente segue reinventando seu jeito de ser como Kilombolas e que acreditam serem filhas e filhos de uma mesma Mãe Preta e de um Esú Senhor Seu 7. A partir dessa compreensão que reinventa a familiaridade espiritual, o Kilombo é o espaço de recriação de África. Metáfora no que concerne pela busca de elementos de significância que possam reescrever na diáspora uma África mítica, simbólica na medida que evoca formas de demonstrar processos de empoderamento e de espaços de referência para a população feminina-jovem-negra-rural. De uma forma social negra de ser. O Kilombo é o terreiro – útero/núcleo – de resistência e acolhida de tudo que sobreviveu à maafa.

Muzunguê

Se você quer ir rápido vá só. Se você quer ir longe, vá em grupo.

(Inscrição presente na Trilha da Paz)

Muzunguê é uma palavra que tem sua origem nas línguas bantas, precisamente do kikongo *muzóngg*⁹ e significa sopa, caldo, canjica.

Nossa Yagbá Ancestral Mãe Preta conta o seguinte itan sobre porque pertencemos a Nação Muzunguê: ela nos conta que nos tempos de nossos ancestrais livres em suas terras de África as distâncias eram imensas e que para levar uma mensagem de um lugar para outro se passavam muitos dias até que se chegasse ao destinatário. A tradição era que tão logo o mensageiro chegasse no povoado, todos vinham em sua direção chamados pelos tambores falantes, os bátás, ilu, atabaques. Em círculos, ogãs aumentavam a fogueira, e yaôs e muzenzas auxiliavam a Yabassé no preparo do salgado, do doce e d'água para beber e banhar. Conta Mãe Preta que todo esse acolhimento era o *Muzunguê* e conforme fosse a notícia, servia-se primeiro o doce ou o salgado. Notícia boa como nascimento-casamento, por exemplo, era servido primeiramente o omio (a água), e o muzunguê salgado, seguido do doce. Mas, se a notícia fosse algum dissabor, servia-se o doce primeiro. Após todos escutarem em silêncio os Anciões e Anciãs dialogarem entre si, eles abriam o caicó para o nguzo-ase, a força, para todo o povoado celebrar ao som dos tambores falantes a mensagem trazida, seja ela qual fosse, bem como a força e coragem do mensageiro. Nossa Mãe Preta ensina que *muzunguê* é acolhimento. Somos o povo que acolhe, a nação do acolhimento, a Nação Muzunguê.

Kilombo

Está aqui, em todo lugar.
(ya)

A palavra quilombo é uma forma adaptada para a língua portuguesa da palavra Kilombo (K), que se trata de uma organização sociopolítica militar que era presente na área geográfica cultural Congo-Angola, com a missão de lembrar, dito de outra forma, salvaguardar as memórias de seu povo e de sua comunidade.

O Kilombo afrobranto foi de certa forma reconstruído em território brasileiro

⁹ Segundo LOPES, Nei. *Novo Dicionário Banto do Brasil*: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

como uma oposição ao sistema escravagista com características específicas que foram sendo incorporadas com outras culturas como a indígena e a europeia, de modo a garantir a sua manutenção.

Nós em Território de Mãe Preta somos kilombolas e não quilombolas, como um modo de recuperar o sentido dado ao termo na língua banto, como fortaleza, união. “Utilizam-se deste termo também como uma contraposição às designações do Estado, como chamam ‘a língua do colonizador’, afirmando-se sobreviventes e não ‘reminiscentes de antigos escravos’”¹⁰.

Território de Mãe Preta

*Homines proprium que nihil potiuntur et usu cuncta tenent
Pessoas que nada possuem de próprio. E que de tudo dispõem.*¹¹

A estratégia de compra da terra adotada pelo Kilombo-CoMPaz foi e é uma estratégia de manter a prosperidade de todos em comunidade. A terra é de todos e sua manutenção é realizada por todos a partir das dimensões que envolvem as preces práticas que vão desde a limpeza dos banheiros até a alocação de recursos. Por recursos, se entende tudo que contribui para o bom convívio de todos junto com a natureza.

Entendemos que a defesa do território implica na comunhão sobre a importância que o território exerce em nós. E sua ocupação muito inspirada na experiência brasileira registrada pelo legado sócio-histórico da República Palmarinca (1560-1694) e da República Guarani (1667-1771), mais de cento e dez anos de ensinamentos que não podem ser esquecidos. Há um lema que orienta o adelhún da CoMPaz: lembrar-esperançar-esperar-realizar, o que faz com que Kitembo seja por nós. E que o território prospere.

Espiritualidade afrobudígena

¹⁰ FLORES, Luiza Dias. "A morada é uma curandeira": o feminino enquanto força. *In: Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas (org.). Um jeito de ser e viver no Kilombo de Mãe Preta.* São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Série Saberes Tradicionais, v. 3. p. 59-86. p. 59. [nota de rodapé].

¹¹ Cfe. Julius Cesar (100-44 A.C.).

O universo é mental. O que você cria no mental se realiza se você acreditar. Nós acreditamos que a essência não está no mental, é só uma sombra. A essência está no mundo real – o crístico. Para nós, o mundo material é ilusório. Por conta disso é que em nosso Akehú há orientações que nos ensinam a honrar o Rumbé, honrar as verdades com a prática.

As pessoas na Comunidade Kilombola Morada da Paz vivem juntas, trabalham juntas, constroem estratégias de resiliência, celebram e realizam suas ritualísticas em comum unidade. Os Ipádè (círculos sagrados de diálogos) orientam o nosso jeito de ser e de viver comunal erigido por nossa espiritualidade.

Soubemos que em África, que é um continente e, nos tempos de nossos ancestrais, os povos cultuavam as divindades de acordo com suas famílias comunais e tudo era diferente do modo que sobreviveu na diáspora, após e durante a maafa. Em África, por exemplo, na cidade de Ifé, toda a devoção é Xangô. Na diáspora afro-brasileira, por força da luta por continuar existindo enquanto ser no mundo, em meio de um mundo escravista-excludente e aniquilador, tudo se ressignificou. Para manter viva a fé e a cultura aos cultos às Divindades, a estratégia foi unir para não sumir. Desse modo, os kafuás (quartos de santo) se transformaram em úteros de gestação constante, de sobrevivência-resiliência. Local onde se juntou às Divindades possíveis e memoráveis.

Todo o pantheon foi reorganizado e reagrupado por lembranças e práticas que também se fundiram numa simbiose de potencial força com as espiritualidades ameríndias para que não desaparecesse. Na caminhada de reconstrução de nossa existência reencontramos elementos que nos constituem em três aspectos e que estruturam a manutenção e manifestação de nossa fé, de nossa cultura, das nossas relações. Encontramos bases matriciais que enraízam nossa cosmopercepção autodenominada de afrobudígena.

Nossa espiritualidade é matricial, constituída pela harmonia entre os seres vivos e a comunidade cósmica, incluindo a natureza enquanto território vivente. Para

¹² Alusão aos Axiomas Euclidianos, neste caso, mais precisamente ao Axioma 4 de Euclides.

nós assim é Deus, Mãe-Pai. É feminino, mulher mãe, que pari. Deus é Mãe Preta.

Somos devotos dos orisás, caboclos, encantados, dos seres d'água (omio), da terra (aiye), do ar (ofurucu) e do fogo (ina). Somos de matriz afro-brasileira. Acreditamos que se estamos atentas às divindades, elas nos falam em nossa própria língua, seja ela qual for.

Por sermos uma criação cósmica como fractais holográficas do multiverso, rodeadas por deuses que abrem caminhos, que zelam, que nos orientam, intersomos (inter-ser) de comunhão, tal como centelhas de luz, na vastidão (Bodhi), sagrados e sagradas.

Atravessados pela dialética humildade-soberanos, acreditamos que antes de Jesus veio Rama, antes de Rama veio Krishna, antes de Krishna veio Buda, antes de Buda veio Mahavira e sempre existiu nkises, orisás, voduns. Tudo, o todo como Um. Nossa dimensão Bodhi – nossa porção sagrada.

Sentimos Deus de inúmeras formas. Seus vários aspectos encontram-se no povo em pé; no povo da fumaça, na contagem dos golpes sobre os desafios que nos tornam melhores. Suas várias formas de expressão são para nós símbolos que apontam para seu aspecto particular, expressa pela multiversidade do universo. Está na partilha. Assim como se manifesta na comunhão. E como nenhuma de suas manifestações esgota sua natureza verdadeira, são inúmeras as suas denominações. Como por exemplo para a Divindade Fogo temos: *ina* em yorubá; *agni* para os vedas; *turi* em tupi guarani; *tumbya* em bantu. Deus Mãe-Pai, sou eu, você, nós, os outros. Sem que haja uns melhores que outros. Apenas *di.fe.ren.tes*.

Nossa espiritualidade requer sacrifícios, sagrado ofício manifesto por nosso adehún: dá-me um exemplo. Mais do que palavras. Sacrifício! Calma mental estável – shanata. Prosperidade. Partilha. Abundância. Atitudes de compreensão sobre a interdependência de todas as coisas mediatizadas pelas existências cíclicas que intentam que sejamos melhores do que somos no *samsaravimento*, na gira de zelo e ofertórios.

O muzunguê ressalta o valor do zelo/cuidado e da partilha. Pelas ritualísticas se aprende sobre a compreensão do ato de doar e, que sua grandeza, está em dar do seu se necessário, doar o seu melhor. Aprendemos com Bábá Afra que sempre

fica perfume nas mãos de quem oferece flores e é nesse aspecto que consiste o lado sagrado da cerimônia. Essa é a dimensão afro. Portanto, assim se caracteriza nossa dimensão bodhi e se compõe a interação indígena de nossa espiritualidade afrobudígena.

Todas são sapopembas que nutrem e irrigam a Nação Muzunguê. As raízes afro-bodhi-indígena são sapopembas que carregam a água da vida de histórias e práticas filosóficas e espirituais que nutrem e irrigam a manifestação da espiritualidade vivificada pela Nação Muzunguê.

Panteão que compõe a Nação Muzunguê

*Creemos na imanência de Deus mais do que na sua transcendência.
(Egbomi Damoran)*

Deus, as Divindades, são para nós imanentes. A espiritualidade está manifestada em nosso cotidiano. Deus está em todas as coisas. Costumo afirmar que Deus não mora em meu coração pois meu coração é Deus. Orientam nossas escolhas no aiyé. Nosso nascer. Nosso morrer. E nos falam por intermédio dos sonhos que são partilhados. Em tudo se encontra Deus Agni (fogo), Indra (trovão), Vayu (ar), Varuna (oceano), Surya (sol), Oxum (água doce), Yemonjá (água salgada), Nanã (água lamacenta), Oba (águas turbulentas). Em tudo está Deus.

Rituais, preces práticas estão na composição de nossa presença no mundo. Diante disso, é que nosso panteão se constitui de mais de mil Divindades. Algumas manifestáveis em/por nossos corpos, outras se manifestam pelo campo da intuição, com outras a relação se estabelece por meio de ebós (ofertórios), outras tantas por sonhos e ainda outras que zelam e cuidam da gente e que se chegam como um sopro, sentimos suas presenças; isso para nós é suficiente. Mãe Preta é nossa Yagba Ancestral, nos alcançou todas e todos em tempos diferentes, de acordo com nosso propósito individual no ayiè. Compreendemos desde nosso okan (coração) que a Nação Muzunguê é o espaço simbólico que permite e acolhe a diversidade da vida manifestada nos seres sencientes que compartilham o existir conosco.

Divindades que pariram de amor e luz os seres de vida. O que querem de nós? Sempre nos questionamos e isto serve como uma bússola inexorável para nos

orientar. Que sejamos melhores a cada dia. Então, desse modo manifestamos nossa compreensão da imanência de Deus Mãe-Pai.

Cada vez que eu escrevo, aprendo mais a escrever

Não podemos nos dispersar.
(Baogan Bábà Kínní)

Nossas casas de barro, de pedra, lata e lona são expressões que nos mostram a violência da história única, de certa forma, presente em tudo: nos fazeres, saberes, sentires. E de algum modo, seguimos tecendo rupturas com tudo que faz se deparar com essa falácia lógica. Por isso, é incansável a luta. E estar atentos e atentas também é uma estratégia.

Nossa existência é real. Marcada por objetividades e condições de vida, que são atravessadas por uma multiversidade de representação, percepção e ser-estar no mundo a partir de nossos lugares de falar, interpretar, escutar. É viver na borda, mergulhadas entre serrapilheiras do existir do corpo e do ser negro/negra que ajuda a manter a integridade da vida em tempos sombrios. Spivak¹³, uma socióloga indiana, chama isso de enfrentamento da subalternidade, uma ruptura do essencialismo e dicotomia entre forma-conteúdo que mascara a exclusão pela inclusão.

Tingir a pele de papel com nosso jeito de ser e viver é uma estratégia de não nos dispersar. E de poder manter o enfrentamento às diferentes lógicas de subalternização que aparecem a toda hora. Estar atentas e não nos dispersar. A pele de papel e a voz têm se apresentado como ferramentas para que não sejamos mais traduzidos, mas interpretadas e interpretados. Lembro de uma canção emocionantemente cantada pela voz rouca de Elza Soares e composta por Douglas Germano:

*Minha voz, uso pra dizer o que se cala
O meu país é meu lugar de fala
Minha voz
Uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala
O meu país
É meu lugar de fala*

¹³ SPIVAK, Gayatri. *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2018.

(O que se cala)

Lugar de fala, ser e estar (no contexto de pandemia, de mortes do povo da favela, do jovem e negro), é o lugar da sobrevivência diária. Da resistência constante. Nosso lugar de ser-estar, me parece, é potente. Sim, porque sobreviver é se tornar perigoso. No mundo doente, sobreviver vai contra as normas do próprio Estado orquestrado pelo projeto de extermínio do diferente. Morremos já tantas vezes, tantas foram as vezes, e objetivam desde sempre nos apagar. Mas é esse nosso país, também nosso lugar de fala, de ser e também de existir.

Nós, do jeito como nos revelamos e mostramos por essa pele de papel, somos utopia? Não, somos bongar. E que necessário ser, diante dessa paisagem distópica que está aí. Nós, do jeito como nos desnudamos pela pele de papel, agora somos ficção? Não, somos *bo si onã*. E que necessário ser, diante dessa realidade adoecida, mazungá que aí está. Ao longo da pele de papel marcada pela tinta, aqui nós nos mostramos sem medo, sem relógio, guiadas pelo tempo do okan. E que necessário é ser rumo sem termômetros.

Nesse sentido, Manoel de Barros¹⁴ se constitui como uma das bases que me ajuda, inspira e alivia quando questiona: “*todas as coisas têm ser?*”, quando escreve “*fui relatado no capítulo da borra*”. Diante disso, Barros, sem querer, me ajuda na luta por uma outra história, nesse Brasil constituído de uma sociedade tão contraditória: hipócrita, excludente, segregacionista. E que é tão admirada pelos gringos lá de fora, por sua diversidade – que ironia.

Sem que se enfrentem ao longo dos anos os pactos medíocres e dissimulados que invisibilizaram aquilo que podemos tristemente chamar de fratricídio. Irmãos tentando apagar irmãos. Nossa atenção maior está em não nos dispersar e estar atentas e atentos para o que compromete nossos afetos.

Precisamos fazer um esforço mais do que necessário para não esquecermos quem somos. Mesmo quando somos aniquilados pelo Estado, nós renascemos. Por isso, Mãe Preta nos ensina a lutar. Nos ensina a resistir. Este é o sentido de suas palavras, quando sentada no seu banquinho e pitando sua chanduca, reza para nós que o Tempo, que é uma Divindade, pariu três filhas: a lembrança, a esperança e a

¹⁴ BARROS, Manoel de. *Livro de Pré-coisas*. Madrid: AlfaGuara, 2016.

espera. Atoamente e atentamente,

Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.

[...]

Os loucos me interpretam.

A minha direção é o vento.

De tarde arborizo pássaros

De noite os sapos me pulam

Não tenho carne de água.

Eu pertenço de andar atoamente, mais atentamente.¹⁵

Mesmo quando somos discriminados, desqualificados pela ação do Estado, nós habitamos outros lugares. Habitamos o lugar da memória – LEMBRAR. Somos sobreviventes. Nascemos e morremos – ESPERAR. Temos nossos lugares de habitar enquanto nos lembramos de quem somos – ESPERANÇAR. *A Verdade nos Fará Livre*, como cantou a Estação Primeira da Mangueira, para então – REALIZAR.

Nasci de peito aberto, de punho cerrado

Meu pai carpinteiro desempregado

Minha mãe é Maria das Dores Brasil

Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira

Me encontro no amor que não encontra fronteira

Procura por mim nas fileiras contra a opressão¹⁶

Caminho longo é caminho é caminhada

Aperte o passo seu moço. Apresse o passo seu moço.

Acerte o passo que a caminhada é sagrada

(Canto popular entoado no Terreiro da Nação Muzunguê)

Tudo o que discorreremos até esse instante faz parte da imersão de mais de vinte anos que constituíram o processo de reconstrução da nossa Memória Ancestral. Somos arqueólogos do tempo e garimpeiras das lembranças. Percorreremos três continentes (Ásia, África, Américas – latina e central), mais de dez países (Senegal, Nepal, Índia, México, Paraguai, Uruguai, Bolívia, França, Inglaterra, Bélgica, Etiópia) e todas as regiões do Brasil, de sul a norte, tentando percorrer os caminhos de memórias que nos auxiliassem chegar até os rastros de reconstrução de nossa Nação Muzunguê nesse tempo e nessa era, porque nossa Yagba Ancestral Mãe Preta nos ensina que a consciência é o pilar dos tempos. Tantos foram os (re)encontros, as

¹⁵ BARROS, Manoel de. *Meu Quintal é maior do que o mundo*. Madrid: Alfaguara, 2013.

¹⁶ Fragmento do samba da Estação Primeira de Mangueira, interpretado por Marquinho Art'Samba e composição de Manu da Cunha e Luiz Carlos Máximo.

casas santas adentradas (Ilês, Manzo, Templos, Sangas) os ritos fraternos e profundamente simples, compostos de elementos que chamamos de unidade da diversidade. Isso e muito mais, nos constitui o que somos hoje.

Laroyiè Esú.

Referências

BARROS, Manoel de. *Meu Quintal é maior do que o mundo*. Madrid: Alfaguara, 2013.

BARROS, Manoel de. *Livro de Pré-coisas*. Madrid: AlfaGuara, 2016.

FLORES, Luiza Dias. "A morada é uma curandeira": o feminino enquanto força. In: Coletivo de Pesquisadoras e Pesquisadores Kilombolas (org.). *Um jeito de ser e viver no Kilombo de Mãe Preta*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Série Saberes Tradicionais, v. 3. p. 59-86.

LOPES, Nei. *Novo Dicionário Banto do Brasil*: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LOPES, Nei. *Ifá Lucumí*: o resgate da tradição. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, Quilombos*: modos e significações. 2. ed. Brasília: Ayô, 2019.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2018.